



EDITORIAL

Os organizadores

Prezada leitora, prezado leitor,

Com o volume 4, n. 2, 2018, estamos entrando no quarto ano de existência de *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*. Gostaríamos de ressaltar de novo que temos mantido a periodicidade semestral rigorosamente, inclusive lançando cada número no início do semestre. Temos tido uma luta ingente a fim de manter essa regularidade. Grande parte dos textos é de renomados autores internacionais, alguns deles em inglês.

O primeiro artigo do presente número é "Wilhelm von Humboldt e a ecolinguística", do linguista alemão Theo Harden, atualmente professor da UnB. Ele começa salientando que há enormes dificuldades para se entenderem os textos originais de Humboldt, cuja leitura é indispensável a quem deseje penetrar no seu rico e intrincado pensamento. Questões ecolinguísticas como língua como interação, língua relacionada a um grupo de falantes e muitas outras estão ancepadas em toda a obra do filósofo. No âmbito dos estudos linguísticos, Harden é talvez o maior especialista em Humboldt atuando no Brasil. Esperamos que ele escreva novos artigos para *ECO-REBEL* aprofundando outros aspectos da filosofia da linguagem humboldtiana e sua contribuição para a fundamentação histórica da linguística ecossistêmica.

O texto de Hildo Couto, "A metodologia na linguística ecossistêmica", tenta mostrar que a ecolinguística é necessariamente multimetodológica. O autor começa por uma caracterização do conceito de "metodologia", em geral, e sua paulatina introdução nos estudos ecolinguísticos. Combinando propostas do sociólogo brasileiro-francês Michael Löwy (visão panorâmica) e do ecolinguista inglês Markar Garner (método da focalização), tem-se a ecometodologia da linguística ecossistêmica.

Quanto ao terceiro texto, "A luta de classes e partidos na linguagem da Grande Revolução Francesa", de Konstantin Nikolaevich Derzhavin (1903-1956), reproduzamos o que disse o organizador alemão-oriental do livro em que ele foi publicado originalmente. De acordo

com ele, "K. N. Dershawin analisa, em seu ensaio 'A luta das classes e os partidos na linguagem da grande revolução francesa' (1927), os neologismos da revolução de 1789-1793 como expressão das relações de classe. Seguindo Paul Lafargue, ele articula a tese de que a língua francesa foi posta a serviço de determinadas classes. O texto ressalta a influência que fatores extralinguísticos tiveram até mesmo sobre a gramática. O então frequente uso do prefixo *dé-* (p. ex., em *démoraliser* 'desmoralizar') se explica pelo fato de que as massas revolucionárias recusavam a herança monárquica do passado. Para os patriotas, porém, esse prefixo tinha também um lado positivo. Dershawin vê influência de fatores sociais sobre a estrutura da língua, especialmente sobre a gramática, na verdade de modo simples e direto, mas a ideia de que fatos e especificidades linguísticas se correlacionam de algum modo merece nosso interesse, embora se trate mais de abstrações na língua escrita do que de dialetos sem escrita " (p. 65: o organizador). O texto foi traduzido da versão alemã de Berésin, F. M. (org.). *Reader zur Geschichte der sowjetischen Sprachwissenschaft*. Leipzig: VEB Bibliographisches Institut, p. 72-81. Como a explicação do organizador da coletânea mostra, Derzhavin (grafia mais comum) dá continuidade ao que Paul Lafargue (1842-1911) havia feito em "La langue française avant et après la révolution" (*L'Ère nouvelle*, 1894). Aliás, Derzhavin retomou apenas alguns aspectos do que fora tratado por Lafargue. O texto está sendo publicado aqui por sempre relacionar a língua ao contexto sócio-histórico a que pertence. Em um próximo número de *ECO-REBEL* pretendemos publicar também uma tradução portuguesa do texto original de Lafargue por ser até mais ecológico do que o de Derzhavin.

O artigo de David Stringer, "Quando gafanhoto significa relâmpago: Como o conhecimento ecológico é codificado nas línguas ameaçadas", fala da necessidade de preservarmos as línguas minoritárias e até revitalizar as que já são obsoletas. O motivo é que elas contêm saberes tradicionais que não se atêm à anatomia das espécies, mas enfatizam a suas ecologias. Por isso, preservar, revitalizar e ressuscitar uma língua é preservar, revitalizar e ressuscitar o meio em que são faladas, o que lembra a inextricabilidade existente entre língua (L), povo (P) e seu território (T). O texto é tradução do original em inglês publicado em *Langscape Magazine* v. 5, n. 1, 2016, p. 14-19, boletim da ONG Terralingua (www.terralingua.org). *Langscape Magazine* está disponível em <http://www.terralinguaubuntu.org/Langscape/home.htm>.

O artigo "The acceptance of virtual presentations at international conferences on education", de George Jacobs, Hui Shan Tan e Teh Jie Xin (todos da James Cook

University, de Cingapura), é o único em inglês deste volume. Ele representa um interessante contraponto à proposta da ecologia da interação comunicativa da linguística ecossistêmica. Como sabemos, a interação prototípica é a que se dá na copresença de falante e ouvinte. A proposta dos autores contribui para um alargamento dessa concepção de interação comunicativa, mediante a comunicação virtual.

O artigo "Narrativa da desigualdade na arquitetura da pobreza", de Elza Kioko N. N. do Couto & Antônio Busnardo Filho, encara a cidade como uma linguagem, inclusive como interação comunicativa. Mostra que a aparente "bondade" dos dirigentes ao criar "habitação de interesse social", fá-lo na periferia da cidade, dificultando o acesso dos moradores ao local de trabalho, entre outras dificuldades. Além do mais, a preocupação maior deles é mostrar que construíram casas populares, não necessariamente a qualidade da obra. Ao fim e ao cabo, essa "bondade" acaba não desfazendo as grandes diferenças de classe existentes na cidade.

O texto de Genis Schmaltz Neto, "Meio ambiente espiritual", pretende incluir a religião e a espiritualidade nas abordagens ecossistêmicas, partindo, naturalmente, da visão ecológica de mundo e exemplificando com a comunidade mística do Vale do Amanhecer, das proximidades de Brasília. Como diz o resumo, "o aspecto religioso do ecossistema pressupõe um simulacro cujo enfoque possibilita o vislumbre das características próprias das inter-relações espirituais como mitos, ritos e as transições entre dimensões realizadas por falantes".

O presente número de *ECO-REBEL* apresenta uma resenha da maior coletânea de textos ecolinguísticos já publicada até hoje, *The handbook of ecolinguistics*, organizada por Alwin Fill e Hermine Penz, resenha feita por Elza K. N. N. do Couto.

A seguir, temos minirresenhas. A primeira é do livro *Contra l'imperialisme lingüístic: a favor de la linguodiversitat*, de Pere Comellas Casanova, escrito em catalão. Como se sabe, o objetivo das minirresenhas é apresentar, de modo sucinto, obras ecolinguísticas mais antigas aos leitores de *ECO-REBEL*. Em seguida, vem o livro de Mario Gaio. *Etnicidade linguística em movimento: Os processos de transculturalidade revelados nos brasileiroítalos do eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora*. Berlim: Peter Lang, 2018, cujo conteúdo já fora resenhado, via tese de que é reprodução, em *ECO-REBEL* v. 3, n. 2, 2017. Em seguida são minirresenhados três livros da Série de E-Books "Linguagem, Falantes e Contexto", do site de ecolinguística, dirigida por Anderson Nowogrodzki da Silva. O primeiro livro é *Ecossistema cultural: as inter-relações entre língua, corpo e*

cultura na roda de capoeira, de Zilda Dourado; o segundo, *Ensaaios de ecolinguística teórica e aplicada*, de Davi Albuquerque; o terceiro, *Da fonologia à ecolinguística: Ensaaios em homenagem a Hildo Honório do Couto*, de Elza do Couto; Davi Albuquerque; Gilberto Araújo. O primeiro livro da série já fora resenhado em *ECO-REBEL* v. 3, n. 2, 2017.

Dando continuidade a uma inovação introduzida no número anterior, em seguida vem uma entrevista com Alwin F. Fill, da Karl-Franzens-Universität Graz, Áustria. Ela contém muitas ideias interessantes para um melhor entendimento da ecolinguística, inclusive de sua história. Gostaríamos de acrescentar que Fill participou do IV ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA (IV EBE), Fortaleza 25-27/06/2018. Ele teve uma intensa participação, apesar das dificuldades linguísticas.

Por fim, e com muito pesar, incluímos neste número um Obituário, no caso, da ecolinguista Suani de Almeida Vasconcelos (Universidade Estadual de Feira de Santana), cujo falecimento fora precedido pelo do também ecolinguista Manoel Soares Sarmento. Duas baixas na ecolinguística brasileira.

Boa leitura a todas e a todos!

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 4, n. 2, 2018.